

RABISCOS DE UM ESCRIVINHADOR

(Nesta seção reproduzimos algumas das crônicas semanais publicadas pelo responsável por esta revista às quartas-feiras, no **Correio Popular**, de Campinas. Para identificação e referência, bibliográfica, indicam-se as datas em que foram divulgadas).

164. ANTÔNIO RUBBO MÜLLER

Jornal paulistano do dia 7 de agosto passado registrou o falecimento, em São Paulo, do professor Antônio Rubbo Müller. Notícia demais sintética, mencionando apenas seus familiares, sem uma referência qualquer que o identificasse como figura de grande projeção na vida universitária de São Paulo e do Brasil, diretor que foi — e por tantos anos — da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Aliás, Rubbo Müller esteve vinculado à instituição praticamente por toda a sua vida. Aluno da primeira turma, na Escola continuou sempre. Com o tempo, procurou desenvolvê-la, criando a Escola de Pós-Graduação, que atraía candidatos de todo o País.

A evocação de seu nome faz-me recordar fase significativa de minha vida. Ao fixar-me em São Paulo para os estudos universitários, freqüentei, como ouvinte, a então chamada “Escola Livre de Sociologia e Política”, de recente fundação e que veio a desempenhar importantíssimo papel na vida cultural de São Paulo e do Brasil. Dela me ocupei, neste mesmo local, a propósito de seu cinquentenário, quando tive oportunidade de ressaltar seu papel de pioneira no estudo e desenvolvimento das ciências sociais em nosso País. Foi quando conheci Antônio Rubbo Müller. Mas, como não continuei na Escola e ele próprio seguiu para a Inglaterra a fim de se especializar, perdi-o de vista por algum tempo. Reencontramo-nos por ocasião do IX Congresso Brasileiro de Geografia, que se reuniu em Florianópolis, em 1940. Apraz-me registrar que foi nesta viagem a Santa Catarina, que Müller encontrou aquela que seria a sua dedicada companheira de toda a vida, Nice Lecocq, então minha colega no curso de Geografia da Universidade de São Paulo, onde realizou brilhante carreira, tomando-se uma das maiores geógrafas brasileiras.

Pouco depois, eu próprio vim a integrar o corpo de professores da Escola de Sociologia, já em sua sede própria, à rua General Jardim, na Vila Buarque; e nela permaneci por mais de quinze anos, tendo, pois, opor-

tunidade de um convívio constante e agradável com Antônio Rubbo Müller. E mesmo depois que deixei minha função docente na Escola, continuei por muito tempo vinculado a ela através de freqüentes convites para integrar bancas examinadoras de mestrado ou doutorado. Dava gosto ver o entusiasmo com que Müller cuidava de seu curso de pós-graduação. Tinha um hábito, que muitos censuravam, mas que eu apreciava: em cada sessão pública de defesa de tese, fazia com que os alunos de pós-graduação presentes à sessão, se apresentassem, declarando o nome, a procedência e a área de pesquisa a que se dedicavam. E era gratificante ver que ali comparecia gente de todo o Brasil e até de diversos países da América do Sul. Ao excelente amigo e companheiro, a quem muito devo, esta palavrinha de saudade. (26-8-1987)

*

165. UM CERTO CAPITÃO ANDREWS

Graças à gentileza da Professora Maria Regina Boppré, de Florianópolis (ou de Nossa Senhora do Desterro, que é como ela prefere continuar chamando a linda capital catarinense), tomei conhecimento de um viajante inglês que no século passado visitou partes do Brasil e outras regiões da América do Sul, e do qual, confesso, nada sabia. Trata-se do Capitão Joseph Andrews, comandante do navio "Windham", no qual realizou suas viagens, findas as quais, de volta à pátria, publicou em Londres, em 1827, o respectivo relato. Trazia o enorme título **Journey from Buenos Aires through the Provinces of Cordova, Tucumã and Salta to Potosi, thence by the deserts of Caranja to Arica and subsequently to Santiago de Chili and Coquimbo, undertaken on behalf of the Chilean and Peruvian Mining Association in the years 1825-1826**. Constava a obra de dois volumes, editados por John Murray, na capital londrina.

É curioso que no quilométrico título em que especifica os lugares por onde andou não haja a menor referência ao Brasil. No entanto, esteve pelo menos em Santa Catarina e no Rio de Janeiro. Deste livro fez-se uma tradução espanhola, abreviada, inclusive no título, por Carlos A. Aldao, publicada em Buenos Aires, em 1920. Foi esta a edição que Maria Regina Boppré utilizou para a resenha e comentário do que o comandante inglês escreveu sobre a Ilha de Santa Catarina.*

Trata-se de livro bastante raro. Alfredo de Carvalho não o registra. Mas registram-no Paulo Berger e Rubens Borba de Moraes. Aquele informa existir um exemplar no Itamarati (tanto da edição original, como

(*) O trabalho de Maria Regina Boppré, aqui mencionado, foi publicado em o número anterior da **Notícia Bibliográfica**, pp. 197.

da versão argentina). Tanto um como outro informam as páginas onde ocorre a descrição do Rio de Janeiro, mas ambos silenciam quanto a referências a outras regiões do Brasil por onde passou o viajante. Andrews era interessado em problemas de mineração, motivo pelo qual visitou em sua longa viagem as áreas ligadas a atividades mineradoras e sua própria excursão teve os auspícios de uma empresa binacional de mineração.

As páginas — quatro ou cinco — que o capitão inglês dedicou à Ilha de Santa Catarina são muito expressivas e bem andou Regina Boppré em traduzi-las. Em o fazendo, prestou assinalado serviço à xenobibliografia brasileira. Ao terminar sua tradução, escreveu a prezada amiga e professora “do Desterro”: “Pouco cabe agregar a esta simpática descrição, na qual a sobriedade britânica deixa transparecer o encanto pessoal do navegador frente à natureza sub-tropical, especialmente nos seus aspectos da flora natural e cultivada dos jardins, o que mostra o gosto romântico do autor”. E conclui: “A historiografia catarinense pode incorporar, com proveito, este breve documento entre os mais prezados que já se tem compilado”.* (12-8-1987)

*

166. UM CERTO COMANDANTE SOUVILLE

Há algumas semanas, ocupei-me neste mesmo local, de “um certo Capitão Andrews”, viajante inglês que visitou o Brasil na primeira metade do século passado, e que, conforme confessei, me foi revelado pela professora Maria Regina Boppré, de Nossa Senhora do Desterro. Pela mesma ocasião, meu prezado amigo José Nogueira Novaes chamava-me a atenção para uma coleção de números antigos da “Revista da Semana”, pertencente ao acervo de nossa Academia Campinense. Os leitores mais idosos certamente se lembram dessa importante publicação que por mais de quarenta anos se editou no Rio de Janeiro e que constituiu, sem favor algum, uma das melhores revistas já surgidas no Brasil. Pois bem: em um dos números, de mais de cinquenta anos, da preciosa revista (precisamente o dia 9 de fevereiro de 1935), o historiador Escragnolle Dória, colaborador assíduo da revista, revelou-me um certo comandante Souville, que em 1849 visitou o Rio de Janeiro, e do qual, tal como do inglês de Regina Boppré, também nunca tinha ouvido falar.

Todavia, ao contrário de Regina Boppré, que foi tão precisa na indicação das fontes, permitindo, com facilidade, localizar o “seu” inglês, já Escragnolle Dória escondeu as fontes donde tirou o “seu” francês. O

(*) O trabalho de Maria Regina Boppré, aqui mencionado, foi publicado em o número anterior da *Notícia Bibliográfica*, pp. 197.

mais que adianta em seu artigo é que, ao deixar a carreira marítima, “legou ao filho a obrigação de publicar o seu diário de bordo”. Certamente contava que a publicação fosse póstuma, pois estando ele vivo não haveria necessidade de atribuir ao filho a incumbência da tarefa. Ele mesmo o faria.

É lamentável que tendo o historiador carioca transcrito integralmente a página em que Souville relata sua estada no Rio de Janeiro, não tenha indicado o título do livro donde a extraiu. E a coisa ainda se agrava mais, quando se considera que, enquanto o inglês de Regina Boppré figura em Paulo Berger e em Rubens Borba de Moraes, dois grandes especialistas em bibliografia estrangeira sobre o Brasil, o francês de Escragnolle Dória não figura em parte alguma: nem nos catálogos bibliográficos, nem em qualquer enciclopédia ou dicionário de seu próprio país! Como citá-lo, então, alguém que queira utilizar o precioso texto estampado na “Revista da Semana”? Sirva isto de advertência aos interessados em pesquisa bibliográfica.

E no entanto, Escragnolle Dória demonstra conhecer os traços principais da vida de Souville. Mais ainda: sua descrição do Rio de Janeiro é de muito interesse. Nela encontrei um ponto em comum com a descrição de Edouard Manet, o futuro mestre do Impressionismo, que, então jovem de apenas vinte anos, esteve no Rio de Janeiro na mesma época de seu compatriota: o impacto causado na capital do Império pela notícia da descoberta do ouro na Califórnia. Repito a lamúria: que pena tenha sido o historiador carioca tão parcimonioso na indicação das fontes para o seu belo artigo da “Revista da Semana”! (23-9-1987)

*

167. “O ESTADO DE MINAS AO BRASIL”

A expressão que tomo para título deste “rabisco” encontra-se gravada numa bela estátua alegórica existente em Poços de Caldas. Os que conhecem a cidade certamente já admiraram a beleza do monumento, obra do escultor Giulio Starace, realmente uma das mais belas e expressivas estátuas de quantas tenho visto por este País. Foi ali colocada em 1929, integrando o plano da grande reforma urbanística empreendida na cidade pelo governo de Antônio Carlos. Originalmente, a estátua fora colocada num pequeno, mas belo jardim triangular, existente bem em frente à estação ferroviária. Era significativo, para quem desembarcasse de trem, na época o meio de transporte mais comum, contemplar Minas Gerais, numa hercúlea figura de braços abertos, como que recebendo aqueles que, de todo o Brasil, procuravam a linda cidade, como se estivesse a proferir estas palavras: “Minas, de braços abertos, recebe os forasteiros e ampara os necessitados”.

Circunstâncias diversas fizeram-me ficar dezessete anos sem ir a Poços. De 1941, só a revi em 1957. E, como é natural, encontrei outra cidade. Uma série de transformações, quase sempre para pior (triste fatalidade brasileira!) mostrava-me a cidade tão querida de minha infância e adolescência, com uma feição totalmente diversa. E uma das mudanças que logo notei foi que a bela estátua de Minas recebendo os forasteiros havia sido retirada do jardim onde me habituara a vê-la. Levaram-na para outro local da Praça Pedro Sanches, em frente ao Palace Hotel. Teria sido mais significativo se continuasse onde estava. Ali, daria as boas vindas aos forasteiros, quer chegassem de trem ou de ônibus, pois a estação rodoviária também se localiza nas imediações do primeiro local. Ao passo que onde está, cumpre pouco a sua função. E pouca gente nela repara (ainda mais que os pombos dela tomaram conta...), não alcançando sequer o seu significado. Mas, este, obviamente, continua o mesmo. E quem o conhece, não poderá jamais deixar de apreciar o belo monumento.

Na parte posterior da estátua, quase invisível pela ação do tempo, lêem-se os nomes do Conselheiro José Bento da Cunha Figueiredo e do Presidente Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, espécies de “alfa” e “ômega” na história dos melhoramentos urbanos de Poços de Caldas. De fato, o Conselheiro José Bento, quando presidente da Província de Minas Gerais, em 1862, foi o primeiro a determinar obras públicas que permitissem a Poços de Caldas desempenhar suas funções de estância balneária. E Antônio Carlos, em seu governo na presidência de Minas (1926-1930) praticamente concluiu o que o velho conselheiro iniciara quase setenta anos antes. Mas, faltam indicações precisas, no monumento, que permitam ao visitante “descobrir” o porque da junção, num mesmo local, de dois nomes tão distantes. E quantos saberão disto? (7-10-1987)

*

168. APRENDIZ QUE PODE ENSINAR

Reflexões de um aprendiz da realidade, eis o título que deu a um de seus livros o professor João Ribeiro Júnior, o mais novo titular de nossa Academia Campinense de Letras, há pouco eleito para a sucessão do saudoso Wilson Brandão Toffano. Se se perguntar do que trata o livro, talvez seja mais fácil dizer do que ele não trata. O autor reuniu quarenta pequenos escritos, sobre os mais diversos assuntos, à primeira vista desconexos, mas nos quais o leitor percebe um traço-em-comum, resultante de uma tomada de perspectiva exposta logo no primeiro capítulo, como que à guisa de prefácio para quem vai ler o livro. E nele se lê, nas primeiras linhas após uma pertinente citação de Einstein: “A ressaca do pessimismo desses anos passados, repletos de opressão, de miséria, de fanatismo extremo, continua a amargurar-nos em tudo. Vivemos numa sociedade doente

que precisa, urgentemente, não de paliativos e medidas casuísticas, mas de uma reformulação profunda do estilo de todos os valores que orientam nossa vida sócio-cultural-político-econômica". E adiante: "Uma vez que nossa civilização não foi construída sobre o que temos de melhor, é preciso recolocar o homem como sujeito e objeto de todas as nossas preocupações fundamentais".

E nessa preocupação de recolocar o homem desenvolve-se o pensamento do autor através dos mais variados temas que têm constituído, ao longo de sua vivência, a sua própria preocupação, em seu espírito multifacetado e interessado em quase todos os segmentos da cultura: história, política, literatura, direito, comunicação, economia, moral... Alguns capítulos sugerem maiores reflexões e permitiriam mesmo maior desenvolvimento: "A nossa (in)dependência", "O que os livros não contam sobre a quartelada de 15 de novembro de 1889", "Democracia, políticos e opinião pública", "Democracia de papel", "Reflexões à beira do abismo", "O negro no Brasil", "Controvérsia sobre a propriedade", os tópicos referentes ao rádio e à televisão, e tantos outros que se a todos citasse acabaria por copiar o índice.

O autor é leitor inveterado de tudo quanto se publica nas áreas do seu interesse, na mesma multiplicidade que se reflete igualmente nos títulos de sua bibliografia, na qual se alinham obras de história, política, literatura, filosofia, magia, ocultismo, religião. É esta soma de leitura e de reflexões pessoais que faz do "aprendiz" um legítimo professor, que há muito ele o é, de Nossa Universidade Católica. Um "aprendiz" realmente capaz de ensinar, tantas as lições que transmite em seu livro. Um pensamento me ocorreu durante a leitura das **Reflexões de um aprendiz da realidade**: como este livro será classificado nas bibliotecas? (21-10-1987)

*

169. TEODORO SAMPAIO NO CINQUENTENÁRIO DE SUA MORTE

No dia 15 último (de outubro), transcorreu o cinquentenário do falecimento de Teodoro Sampaio, de quem já me ocupei, e por diversas vezes, neste local. Engenheiro, etnólogo, lingüista, geografo, geólogo e

historiador, nasceu na Bahia em 1855, mas viveu em São Paulo boa parte de sua vida, prestando assinalados serviços à nossa terra. Para São Paulo veio em 1886, a convite de Orville Derby, para integrar a Comissão Geográfica e Geológica, naquele ano criada pelo Conselheiro João Alfredo, então presidente da província. A essa Comissão, cuja história verdadeiramente épica, vem de ser escrita por Silvia de Figueiroa, esteve vinculado por vários anos, participando do notável trabalho de reconhecimento geológico, geográfico e cartográfico do território paulista. Os relatórios que para essa finalidade elaborou são verdadeiros modelos de monografias científicas.

Estudioso das línguas indígenas, publicou, em 1902, **O tupi na geografia nacional**, o qual, consideravelmente aumentado para edições posteriores, permanece ainda hoje o que de melhor se escreveu sobre o assunto. Como geógrafo, publicou, em 1906, **O rio São Francisco e a Chapada Diamantina**, um dos “clássicos” da bibliografia geográfica brasileira. Vivendo em São Paulo na época da fundação do quase centenário Instituto Histórico e Geográfico, não pôde deixar de ser convidado para a importante agremiação, que sempre reverenciou a sua memória, considerando-o mesmo um dos seus fundadores. Na revista do Instituto, publicou a maior parte de seus estudos sobre a história de São Paulo.

Participou das comemorações promovidas em 1987 pelo transcurso do tricentenário da morte de Anchieta, e quase quarenta anos depois participou das comemorações com que o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro celebrou o quarto centenário do nascimento do grande apóstolo do Brasil, em 1934. Cumpre ressaltar que em 1934 Teodoro Sampaio era o único sobrevivente dos participantes das comemorações de 1987. As conferências que proferiu nas duas efemérides podem ser incluídas entre as suas melhores páginas.

Do muito que escreveu destacam-se temas relativos a explorações geográficas, roteiros de viagens, a restauração histórica de Santo André, a contribuição de viajantes para a etnografia brasileira e a geografia retrospectiva, assunto a que fora estimulado por Derby, segundo sua própria confissão. Modelar a este respeito é a monografia sobre as peregrinações de Anthony Knivet, no século XVI. E sobre sua terra, deixou inédito extenso trabalho sobre a fundação da cidade de Salvador. Juntamente com Alberto Loefgren, preparou a primeira edição em livro publicada no Brasil do famoso relato de Hans Staden. Vale registrar que, há poucos

anos, a Editora Vozes, de Petrópolis, publicou volume bastante alentado reunindo quase todos os escritos sobre a história paulista deixados pelo grande sábio. (28-10-1987)